

“SEMPRE EXISTE ALGO NO MEIO”: MEDIAÇÕES DA(S) FRONTEIRA(S)
NO ROMANCE *HOW THE GARCÍA GIRLS LOST THEIR ACCENTS*, DE JULIA
ALVAREZ

Prof. Me. Tito Matias-Ferreira, Jr.¹ (IFRN)

Resumo:

As mediações entre a condição do imigrante, sua relação com a fronteira, com o seu exílio e, principalmente, com o sujeito da cultura hegemônica do país que vive, apreendem diretamente o processo de posicionamento do sujeito diaspórico contemporâneo. Na descrição da imigração das irmãs García para os Estados Unidos, Julia Alvarez, por meio do romance *How the García Girls Lost their Accents*, retrata como as personagens constantemente agenciam suas porções caribenha e estadunidense tanto em solo caribenho quanto em solo estadunidense. Com efeito, essas relações procuram dar conta da questão da identidade do imigrante e sua inserção tanto na sociedade dominante de seu novo território quanto nos grupos minoritários que tendem a pertencer, pois tais relações realçam a noção de que os imigrantes tendem a ser “amphibians who do not have an old home and a new home to so much as two half-homes simultaneously (IYER, 1993, p. 49) [anfíbios que não possuem um velho lar e outro novo lar, mas sim dois meio-lares simultaneamente (IYER, 1993, p. 49, tradução nossa)]. A tentativa do imigrante de se posicionar perante a sua situação diaspórica é propícia para produzir diálogos entre os povos do mundo contemporâneo resultando na ideia de que o sujeito, quando imerso na condição diaspórica, não está ligado somente a uma localidade, já que tem a capacidade de reconhecer sua identidade em qualquer lugar que ocupe. Dessa forma, o objetivo deste artigo é compreender as transformações vivenciadas pelas personagens do romance alvareziano depois que elas, juntamente com sua família, são forçadas a migrar para os Estados Unidos e aprender a conciliar sua identidade fronteiriça com os dois territórios, o da República Dominicana, terra natal da família García, e o dos EUA, terra escolhida por eles para escapar da ditadura militar que assolava a ilha na década de 60.

Palavras-chave: Fronteira(s). Ficção. Julia Alvarez.

As mediações entre a condição do imigrante, sua relação com a fronteira, com o seu exílio e, principalmente com o sujeito da cultura hegemônica do país que vive, apreendem diretamente o processo de posicionamento do sujeito diaspórico contemporâneo. O romance *How the García Girls Lost their Accents*, de Julia Alvarez, na descrição da imigração das irmãs García para os Estados Unidos, demonstra que elas

constantemente agenciam suas porções caribenha e estadunidense tanto em solo norte-americano quanto em solo caribenho. Segundo Hall (2003),

[n]a situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas: há a qualidade de ser “caribenho” [West-Indianess] que eles compartilham com outros migrantes do caribe (HALL, 2003, p. 29).

Essas relações procuram dar conta da questão da identidade do imigrante e sua inserção tanto na sociedade dominante de seu novo território quanto nos grupos minoritários que tendem a pertencer, pois tais relações realçam a noção de que os imigrantes tendem a ser “amphibians who do not have an old home and a new home to so much as two half-homes simultaneously (IYER, 1993, p. 49) [anfíbios que não possuem um velho lar e outro novo lar, mas sim dois meio-lares simultaneamente (IYER, 1993, p. 49, tradução nossa). A tentativa do imigrante de se posicionar perante a sua situação diaspórica é propícia para produzir diálogos entre os povos do mundo contemporâneo resultando na ideia de que o sujeito, quando imerso na condição diaspórica, não está ligado somente a uma localidade, já que tem a capacidade de reconhecer sua identidade em qualquer lugar que ocupe:

[a] cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica [e, para Rushdie (1990),] [...] [“o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações de seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes e canções” é “como a novidade entra no mundo” (RUSHDIE, 1990, p. 394, *apud* HALL, 2003, p. 37-38). Não se quer sugerir aqui que numa formação sincrética, os elementos diferentes estabeleçam uma relação de igualdade uns com os outros. Estes são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder – sobretudo as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo (HALL, 2003, p. 37-38).

Novamente, nos remetemos à noção de identificação descrita acima por Hall (2003) com o intuito de dismantlar o caráter de rigidez do discurso de pertencimento ainda por muitas vezes adotado pelas culturas hegemônicas.

Entretanto, para se compreender os embates culturais entre a sociedade hegemônica e o outro no mundo contemporâneo, faz-se necessário resgatar o discurso produzido pelos países hegemônicos anteriormente para lidar e se relacionar com a alteridade e entender como tal discurso tem sido ressignificado e utilizado na

contemporaneidade. De acordo com Bhabha (2003), o discurso colonial possui uma dependência no conceito da fixação identitária ao construir ideologicamente o outro (o colonizado). Esse conceito traz à tona a ideia de ordem estabilizada da(s) identidade(s) e dá ênfase à repetição de estereótipos.

Dessa forma, a estratégia de se repetir conceitos ou ideias fixas culmina na proliferação de estereótipos, que são formas de conhecimento e identificação oscilantes entre o que está sempre no seu devido lugar, o que já é conhecido e também algo que precisa ser ansiosamente repetido. Com efeito, o uso de estereótipos produz e reforça uma verdade probabilística e uma predicabilidade propagada no discurso colonial sobre o outro. Bhabha (2003) então propõe um olhar alternativo em relação às imagens positivas e negativas do outro produzidas pelo discurso colonial, já que esse acredita que a representação e a subjetivação do colonizado vai além das fronteiras de fixação do outro.

Por consequência, para compreender a subjetivação do outro dentro do discurso colonizador, indo além da representação cristalizada do colonizado, Bhabha (2003) sugere ser imperativo analisar a forma em que o discurso colonial constrói o seu regime de verdade absoluta. Assim, o discurso colonial em si se torna crucial para a propagação da diferença e discriminação inerentes às práticas políticas e discursivas de hierarquização cultural e racial. Esse modo de representação do outro produzido pelo discurso colonial enfatiza a construção sistemática e arbitrária de signos culturais e sociais que são, muitas vezes, intencionais e nacionalistas. Isso permite que não se leve em consideração o entendimento do objeto de seu próprio discurso, ou seja, o outro.

A simplificação efetuada no processo de representação dos estereótipos ignora o processo de identificação física e ambivalente do outro. Assim, o discurso do colonizador constrói o colonizado como uma população de tipos degenerados com base em sua origem racial para justificar a colonização propriamente dita e estabelecer um sistema de administração e instrução denominado “*governmentality*” [governar a mentalidade do outro, tradução nossa] (BHABHA, 2003). A disseminação do discurso colonizador acontece por meio da propagação de narrativas dos sujeitos e signos baseados na totalização de uma verdade reconhecível e reformada, uma vez que essa teoria de encapsulamento fixa o que não é familiar a algo estabelecido, ou seja, o estereótipo em si, e descarta a ambivalência do outro.

Com isso, segundo Bhabha (2005), a psicanálise, conectada à questão da identidade, sugere que todas as formas de identificação são parciais e ambivalentes.

Todos os sujeitos são constituídos em um espaço limiar. A ambivalência, então, é muito importante para a compreensão dos processos e das relações sociais. Da mesma forma a semiótica sugere que um signo em particular possui um conjunto de significados baseados numa localização sistemática e no uso discursivo desse signo. Cada signo ganha seu significado através de um sistema linguístico particular. As palavras devem ser lidas a partir de um certo contexto social.

Por isso, a semiótica sugere que valores universais não podem ser atribuídos a textos. Deve-se compreender o teor da interpretação e da representação de tais textos (BHABHA, 2005). Ao se levar em consideração o conceito da palavra ambivalência proposto por Bhabha, faz-se com que os estereótipos se tornem uma simplificação não somente porque são uma falsa representação de uma realidade específica, mas porque a simplificação do sujeito ocorre também através de formas fixas de representação. Com efeito, o discurso colonial nega oportunidades de negociação que possibilitam o acesso ao reconhecimento do outro.

Dessa forma, resistir à visão estereotipada do colonizador dentro de um hibridismo cultural propicia a sobrevivência física e a luta pela autodeterminação política do “Outro”. A necessidade de uma unificação, a fim de marcar possíveis identidades nacionais dos países pós-coloniais tem sido usada de forma contraditória, uma vez que reforça a teoria de estereótipos do discurso do colonizador. Isso, então, parece descartar a representação ambivalente do outro a fim de promover o apagamento da diferença em seus territórios. Para Santiago (2000):

[...] a eficácia de uma crítica não pode ser medida pela preguiça que ela inspira; pelo contrário, ela deve descondicionar o leitor, tornar impossível sua vida no interior da sociedade burguesa e de consumo. A leitura fácil dá razão às forças neocolonialistas que insistem no fato de que o país se encontra na situação de colônia pela preguiça de seus habitantes. O escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para um turismo cultural (SANTIAGO, 2000, p, 26 (grifo do autor)).

Há, então, a necessidade de se repensar as imagens fixas que têm sido narradas através dos tempos. Portanto, necessita-se usar da resistência para lutar contra o discurso colonial cristalizado que ainda parece causar grande assombro; evitando, dessa maneira, consentir com a fixidez da identidade do sujeito diaspórico. Com isso, evitar a mumificação cultural do outro ao ir contra a noção superficial de estereótipos permite o

divergir do conceito de uma nação como tendo uma identidade homogênea. Escritores provenientes de tal contexto deveriam se engajar numa escrita da qual:

[...] a leitura em lugar de tranquilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, o desperta, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência. Em outros termos, ela o convida à práxis. Citemos [...] Barthes: que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar como uma força neste mundo que é meu? Esta interrogação, reflexo de uma assimilação inquieta e insubordinada, antropófaga, é semelhante à que fazem há muito tempo os escritores de uma cultura dominada por outra: suas leituras explicam pela busca um texto escrevível, texto que pode incitá-los ao trabalho, servi-lhes de modelo na organização de sua própria escritura (SANTIAGO, 2000, p. 20).

Partindo dessa perspectiva, Julia Alvarez exerce sua voz ambivalente a partir do momento em que usa sua escrita para questionar e refletir sobre a representação do imigrante nas literaturas caribenha e estadunidense ao fazer o seguinte questionamento: “Estaria a literatura, assim como a história, produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimento de outros [...]?” (EVARISTO, 2005, p. 202). A autora busca testemunhar na ficção os mecanismos de limpeza étnica “fortemente presentes na literatura [de sujeitos diaspóricos contemporâneo], já que sua escrita subverte imagens e procedimentos cristalizados no discurso hegemônico [...]” (DUARTE, 2009, p. 75-76).

Gonçalves (2009) parece concordar tanto com Duarte quanto com Evaristo ao constatar que as narrativas da contemporaneidade sobre sujeitos migrantes “[...] provocam intensos ruídos na transmissão oficial dos fatos ou na forma como o social é construído, [...], já que, ao se permitir que os silenciados ocupem lugares delineados pela escrita, dá-se vazão ao reprimido que emerge rasurando a cena dos grandes feitos para compor outras histórias” (GONÇALVES, 2009, p. 52). Ademais, Evaristo (2005) pondera que, “[...] a escre(vivência) das mulheres [...] explicita as aventuras e desaventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade [...] teima em querer inferiorizada [...]” (EVARISTO, 2005, p. 205).

Nesse sentido, Gonçalves (2009) corrobora com a visão de Evaristo ao afirmar que “a escrita é, por isso mesmo, um ato de resistência: a literatura, uma parte importante no debate sociopolítico, uma “arma” para ser utilizada contra a marginalização.” (GONÇALVES, 2009, p. 59). Assim, a autora de *How the García*

Girls Lost their Accents, “[...] usa sua [narrativa] como uma maneira de rejeição das ordens pré-estabelecidas” (GONÇALVES, 2009, p. 60). Evaristo (2009) complementa que “afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos [...] surgem pautados pela vivência de sujeitos [diaspóricos] na sociedade [...] e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (EVARISTO, 2009, p. 27).

A forma que Julia Alvarez utiliza a língua para escrever a obra analisada nesta dissertação já foi contestada por outros autores contemporâneos e relatada no primeiro capítulo deste trabalho. Alvarez foi questionada pelo fato de, apesar de ser oriunda da República Dominicana, país de ascendência hispânica pertencente a uma parte de uma ilha caribenha, produziu o romance *How the García Girls Lost their Accents*, em língua inglesa. Como Santiago (2000) observa:

Nesse sentido, as críticas que muitas vezes são dirigidas à alienação do escritor latino-americano, por exemplo, são inúteis e mesmo ridículas. Se ele só fala de sua própria experiência de vida, seu texto passa despercebido entre seus contemporâneos. É preciso que aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida (SANTIAGO, 2000, p. 20).

Pelo fato de ter saído da República Dominicana muito nova, a autora sente-se mais confortável em escrever em inglês, ao mesmo tempo em que insere algumas expressões do espanhol em sua escrita com objetivo de representar a forma que um sujeito diaspórico de origem hispano-caribenha negocia suas especificidades identitárias em solo estrangeiro:

Embora a autenticidade cultural possa ser um dos caminhos para recuperação da identidade junto com a busca incessante dos pressupostos subjetificantes, paradoxalmente a língua e a literatura do colonizador são usadas para denunciar e expor as estratégias de colonização e retrucar ao Outro com os mesmos métodos pelos quais os colonizados foram reduzidos à alteridade, à objetificação e à degradação cultural (BONNICI, 2000, p. 01).

Além disso, escrever em língua inglesa faz com que a escrita de Julia Alvarez tenha a chance de atingir um grupo maior de leitores, uma vez que, no cenário internacional contemporâneo, o inglês é considerado uma língua franca, utilizada como forma de comunicação entre sujeitos falantes não nativos de tal língua e provenientes de diferentes localidades. Talvez, se tivesse a autora escrito somente em espanhol, sua obra

certamente não teria conseguido abarcar àqueles pertencentes do próprio discurso hegemônico estadunidense, já que muitos deles são monolíngues por serem proficientes somente no inglês. Dessa forma,

[a] ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro (BONICCI, 2000, p. 08).

Ademais, a escrita imigrante de Julia Alvarez, feita em língua inglesa, permite a possibilidade do reconhecimento do estrangeiro, do Outro, no caso do romance alvareziano, da escuta da voz do imigrante caribenho em terras estadunidenses, a fim de criar uma conscientização da existência assim como a promulgação do respeito pelas diversidades étnicas advindas dos EUA, uma vez que “[...] a condição diaspórica estimula a ficcionalização de memórias e aspirações do futuro [...]” (HARRIS, 2011, p. 224). Há então um novo paradigma do sujeito diaspórico, pois ele é constituído pela confluência de duas ou mais culturas para alcançar a natureza do seu “Eu” já que, provavelmente, o imigrante parece não ceder para nenhuma de suas diferentes culturas. Deste modo,

é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais [...]. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar”. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam (HALL, 2003, p. 40).

Pelo fato de alguns escritores imigrantes, como Alvarez, aparentemente decidirem não fazer parte completamente de uma das culturas que perfazem a sua vida, estes sujeitos diaspóricos assumem a posição de observadores com o intuito de compreender e disseminar o que acontece entre seus mundos, pois “são os dois impulsos funcionando em conjunto, sua posição de tradução entre dois mundos, várias estéticas, muitas linguagens, que o estabelecem como um artista excepcional, original e formidavelmente moderno” (HALL, 2013, p. 43). Nesse sentido:

O [escritor imigrante] é obrigado a construir o significado na língua original e depois imaginá-lo e modelá-lo uma segunda vez nos materiais da língua com a qual ele ou ela está transmitindo. As lealdades [de tal escritor] são assim divididas e partidas. Ele ou ela tem quer ser leal à sintaxe, sensação e estrutura da língua-fonte e fiel àquelas da língua da tradução. [...] Estamos diante de uma dupla escrita, aquilo que poderia ser descrito como uma “pérfida fidelidade” (HALL, 2003, p. 43).

A duplicidade ou até mesmo a pluralidade identitária de Julia Alvarez, tal qual como de outros escritores migrantes, é refletida em sua escrita, já que ela não se atém somente a fazer de seu texto uma cópia dos padrões literários hegemônicos do local da cultura que habita. Pelo contrário, a escrita de *How the García Girls Lost their Accents* torna-se também um espelho da identidade fragmentada de Alvarez, assim como de tantos outros imigrantes que têm passado ou venham passar por um processo migratório. A consciência de pertencerem a pelo menos dois mundos ressalta o sentimento de transição perpétua inerente à condição do imigrante. De acordo com Hall (2003),

[a] “diferença cultural” de um tipo rígido, etnicizado e inegociável substituiu a miscigenação sexual enquanto fantasia pós-colonial primordial. Um “fundamentalismo” de impulso racial veio à tona em todas essas cidades da Europa ocidental e América do Norte, um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado. O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao “Outro”, baseados nessa “diferença cultural” hipostasiada, passou a ocupar seu lugar – o que Sarat Maharaj chamou de um tipo de “sósia-assombração do apartheid” – junto com racismos mais antigos, fundados na cor da pele ou na diferença fisiológica – originando como resposta uma “política de reconhecimento”, ao lado das lutas contra o racismo e pela justiça social (HALL, 2003, p. 52).

Faz-se, outra vez, o uso da literatura como um instrumento do processo de significância do outro dentro das estruturas de socialização e negociação de indivíduos em contextos hegemônicos. O reconhecimento da existência e da relevância do outro possivelmente abranda a sensação inquietante de habitar dois mundos em um. Outra vez Sandra, a segunda filha dos García, no conto já mencionado neste capítulo, “Floor Show”, encontra-se em seus primeiros três meses em terras estadunidenses e em processo de adaptação e aceitação de sua nova condição diaspórica parece vivenciar um pequeno reconhecimento ao notar a presença de muitos estadunidenses no restaurante

hispânico onde ela, juntamente com toda sua família e um casal de amigos também dos EUA vão jantar:

All the other guests were white and spoke in low, unexcited voices. Americans, for sure. They could have eaten anywhere, Sandi thought, and yet they had come to a *Spanish* place for dinner. La Bruja was wrong. Spanish was something other people paid to be around (ALVAREZ, 1992, p. 179).

[Todos os outros clientes eram brancos e conversavam em vozes baixas e sem muita animação. Americanos, certamente. Eles poderiam ter ido comer em qualquer outro lugar, Sandi pensou, mas mesmo assim vieram a um local *Espanhol* para jantar. A Bruxa estava errada. O Espanhol era algo que outras pessoas pagavam para estar por perto] (ALVAREZ, 1992, p. 179 (grifo da autora), tradução nossa).

O reconhecimento do Outro dentro de um contexto hegemônico, já que “[a] posição indubitavelmente hegemônica dos Estados Unidos [está] relacionada [...] a seu papel e ambições globais e neoimperiais” (HALL, 2003, p. 40), assim como a aceitação da pluralidade de identidades fragmentadas da alteridade, possibilita mediações mais eficazes, além do desmantelamento, da cultura como possuidora de uma fixidez imutável e intransigente. Nesse sentido, Kristeva (1994) discorre que:

[a] animosidade suscitada pelo estrangeiro, ou no mínimo a irritação (“O que você está fazendo aqui? “Aqui não é o seu lugar!”) [...] não deixa de julgá-los [os sujeitos hegemônicos] um pouco limitados, cegos. Pois os seus anfitriões desdenhosos não possuem a *distância* que ele possui, para se ver e para vê-los. O estrangeiro fortifica-se com esse intervalo que os separa dos outros e de si mesmo, dando-lhe um sentimento altivo, não por estar de posse da verdade, mas por relativizar a si próprio e aos demais, quando estes encontram-se nas garras da rotina da monovalência (KRISTEVA, 1994, p. 14 (grifo da autora)).

Com isso, as narrativas diaspóricas “volta[m] às profundezas da história para que o sujeito pós-colonial representado na literatura recupere a voz e assim possa narrar e anunciar as suas experiências com o outro” (BONICCI, 2000, p. 26). Por consequência,

[a] literatura pós-colonial, respaldada nas teorias sobre cultura, oferece ao ex-império um conjunto de narrativas para provar que jamais houve o vazio cultural e que jamais os países colonizados estiveram numa “longa noite de selvageria”. O subalterno foi substituído pelo sujeito porque “a descolonização traz um novo ritmo à existência, introduzido

por homens novos; com ela também chegam uma nova humanidade” (FANON, 1990, p. 36, *apud* HALL, 2003, p. 32).

A escrita de Julia Alvarez eleva a voz do subalterno, representada pelo imigrante caribenho nos EUA, a conscientização da necessidade de uma nova maneira de se lidar com a presença de sujeitos diaspóricos “in the proliferation of new border crossings” (BRAH, 1996, p. 179) [na proliferação de novos cruzamentos nas fronteiras] (BRAH, 1996, p.179, tradução nossa). As negociações efetuadas pelos sujeitos transitórios e aqueles considerados “nativos” da terra precisam de um diálogo menos intransigente e que considere as especificidades dialógicas de cada indivíduo. Para Hall (2003),

[a] alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de “pertencimento cultural”, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da “diáspora”, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna. (HALL, 2003, p. 52).

Sendo assim, através de sua escrita, Julia Alvarez, assim como autores contemporâneos que tratam a questão do sujeito diaspórico em suas narrativas, reportam a condição do imigrante de maneira isômica, ao lidar com, discutir sobre e tentar romper com estereótipos que há muito tempo e por inúmeras razões, permeiam os espaços existentes entre os fragmentos dos diálogos entre o sujeito diaspórico, com as especificidades de sua alteridade, e o sujeito hegemônico, marcado por noções pouco tolerantes da fixação identitária tanto de si mesmo quanto do outro.

Referências

- 1] ALVAREZ, Julia. *How the Garcia Girls Lost their Accents*. New York: Plume, 1992.
- 2] _____. *Something to declare*. Chapel Hill: Algonquin Books Chapel Hill, 1998.
- 3] BHABHA, Homi K. Introduction: Narrating the Nation. In: _____. (Ed.). *Nation and Narration*. London e New York: Routledge, 1990. p. 1-7.
- 4] _____. Culture’s In-Between. *Questions of Cultural Identity*. In: Stuart Hall and Paul du Gay (Ed.). London: SAGE Publications Ltd., 1996. p. 53-60.
- 5] _____. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- 6] _____. Ambivalence. *The Hindu* – online edition of India’s National Newspaper. Sunday, Jul. 03, 2005.
- 7] BONNICI, Thomas. Aspectos da teoria pós-colonial. In: _____. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Edvem, 2000. p. 01-48.

- 8] BRAH, Avtar. Diaspora, border and transitional identities. In: _____. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996. p. 178-210.
- 9] DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 2º sem. 2009.
- 10] EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face. *Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora*. In: Nadilza Martins de Barros Moreira e Diane Schneider (Ed.). João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.
- 11] _____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- 12] GONÇALVES, Ana Beatriz. Processos de (re)definição na poesia de Conceição Evaristo. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 51-61, 2º sem. 2009.
- 13] HALL, Stuart. *Identidades Culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.
- 14] _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- 15] HARRIS, Leila Assumpção. A produção literária de escritoras contemporâneas que migraram do Caribe para o Canadá e os Estados Unidos. *Cerrados* (UnB. Impresso), v. 20, p. 219-229, 2011.
- 16] IYER, Pico. The Empire Writes Back. *Time*, February 8, 1993, p. 46-51.
- 17] KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nos mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- 18] _____. *Nations Without Nationalism*. Trans. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1993.
- 19] SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

ⁱ **Autor**

Prof. Me. Tito MATIAS-FERREIRA, Jr.

Doutorando e Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista (pós-graduação *lato sensu*) em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com período sanduíche na University of Texas at Austin/U.S.A. (UT).

Professor Efetivo do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

tito.matias@ifrn.edu.br